

É positiva a proposta de aumentar a carga horária de escolas públicas? NÃO**Educação e factóide (RUDÁ RICCI)**

O QUE FAZER quando se é candidato de um partido poderoso, mas seu nome não tem popularidade? Qualquer organizador de campanha eleitoral dirá: cria-se um fato político. Por essa perspectiva, o ministro Fernando Haddad foi um bom aluno. Ao anunciar a proposta de aumento dos 200 dias letivos/ano e sugerir que estudos revelam que o aumento dos dias repercute no desempenho escolar, criou um fato político, mas se distanciou de inúmeros estudos que indicam outro rumo a ser tomado para melhoria do desempenho dos nossos alunos. Vários especialistas da área se adiantaram a demonstrar aquilo que se espera que o ministro já tenha conhecimento. Segundo dados da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), apenas a Coreia possui 220 dias letivos.

A Dinamarca tem os mesmos 200 dias definidos por nossa Lei de Diretrizes e Bases. Noruega, Inglaterra, Eslovênia e Chile gravitam ao redor de 190 dias. A Finlândia, o país que apresenta o melhor desempenho escolar segundo o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), possui 188 dias. Os dados oferecidos por pesquisas e avaliações sistêmicas indicam algo mais complexo e com menor impacto eleitoral: os resultados estão diretamente vinculados com a proximidade do educador com o aluno e sua família. É justamente essa pista que é desprezada nos últimos anos por nossos gestores educacionais.

Segundo estudos realizados a partir dos dados coletados pelo Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) entre 1997 e 2005, a instrução dos pais é o principal fator que interfere no desempenho dos alunos: alunos cujas mães possuem ensino primário (atualmente, a primeira parte do ensino fundamental) apresentam desempenho três vezes melhor que alunos cujas mães não possuem instrução formal, e assim por diante. Tal dado já havia sido indicado pelos estudos de Lev Vygotsky, no início do século 20, observando que os hábitos familiares definiam a conduta e o desempenho escolar.

A baixa rotatividade de professores também aparece como fator que contribui para melhorar o desempenho escolar. Já os dados do Saesp (avaliação sistêmica da educação paulista) sugerem que o tempo do diretor escolar nessa função também influencia positivamente na vida escolar do aluno. Estudo promovido pelo movimento Todos pela Educação revela que redes menores (com menos de 15 escolas) apresentam melhores resultados que grandes redes. O que esse conjunto de dados sugere? Que educação é relação humana, intimista. Pequeno é melhor, quando se trata de educação e desempenho escolar.

Sugere que redes menores; professores estáveis; diretores que conhecem pais, alunos e profissionais de sua escola; escola que se aproxima das comunidades e famílias geram melhores resultados escolares. Não há segredo. Os gestores educacionais precisam, urgentemente, se afastar de factóides. Precisam investir mais, ouvir mais as salas de aulas e escolas. E ler os dados dos estudos e levantamentos que eles mesmos financiam.

RUDÁ RICCI, 48, é sociólogo, consultor do Sindicato de Especialistas de Educação do Ensino Público Municipal de São Paulo e autor de "Lulismo" (Fundação Astrojildo Pereira/Contraponto). Blog: www.rudaricci.blogspot.com. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

É positiva a proposta de aumentar a carga horária de escolas públicas? SIM**Boas notícias no ensino brasileiro (PAULO GHIRALDELLI JR.)**

SEGUNDO O MINISTRO da Educação, Fernando Haddad, o ideal seria tornar as redes de ensino dos Estados e dos municípios capazes de aumentar os dias letivos, ou ampliar a carga horária diária, ou, ainda, decidir por uma fórmula mista. Segundo o MEC, uma medida nesse sentido está de acordo com estudos de técnicos do governo Dilma, que "apontam na direção de que aumentar o número de dias letivos é o que mais causa impacto na escola".

A melhoria da qualidade do ensino dependeria, entre outras coisas, "do número de horas por ano que a criança fica exposta ao professor". Isso é verdade?

Estudos internacionais confirmam isso. Mas é aí que mora o demônio: para que o tempo de exposição do aluno à radiação professoral seja efetivamente benéfico o professor deve ser um bom professor. Bem, se é assim, então a ideia do MEC é boa, mas está amarrada ao mesmo tronco que prende as possibilidades de outras ideias interessantes. Eis o tronco: valorização financeira da atividade do magistério, de modo a fazer com que nela permaneçam os melhores.

Mas, enfim, o que estou chamado de outras ideias interessantes? O governo do Estado de São Paulo tomou duas medidas corretas em relação ao ensino público. Primeiro, fez concurso para o ingresso na carreira do magistério premiando antes os candidatos com melhor nota que aqueles com mais tempo de serviço. Segundo, colocou esses

professores concursados em um curso semestral de especialização, livres de qualquer outra incumbência e recebendo seus salários regularmente.

E a secretaria paulista promete mais: tem dito - mesmo contra vozes conservadoras dentro e fora do governo - que quer reformular a grade curricular do ensino médio no sentido de um maior equilíbrio entre as disciplinas, e deseja dar mais opção de escolha de áreas aos alunos do terceiro e último ano. A proposta é certa: as ciências naturais e as humanidades não podem ficar com um número de horas-aula muito diminuto, a ponto de tais disciplinas não terem como colaborar com a formação geral do jovem brasileiro.

Afinal, em um país como o nosso, que cresce em empregos principalmente no setor de serviços, a profissionalização do jovem se dá antes de tudo pela ampliação de sua cultura geral e menos pela aquisição de estreita habilidade técnica. Resta agora ao Estado de São Paulo ficar atento ao obstáculo que pode infelicitar, também, a boa ideia do governo federal de aumento da carga horária escolar.

Ou seja, eis aqui nós todos no mesmo lugar: há de se valorizar financeiramente a carreira do magistério, de modo a segurar em sala de aula os melhores professores. Quero crer que as aspirações políticas do governador Alckmin sejam o suficiente para que ele tome ciência e consciência disso. Outros políticos do Estado de São Paulo, que trataram mal os professores, tiveram resposta dura nas urnas.

Resumindo: ideias para melhorar o ensino brasileiro e torná-lo mais parecido com o que se faz nos países desenvolvidos não faltam, no entanto, todas elas estão cada vez mais dependentes de um único ponto: em termos de política, o magistério não pode ser visto como um trabalho movido antes pelo célebre "amor às crianças" que pelo útil dinheiro no bolso do trabalhador, no caso, o professor.

PAULO GHIRALDELLI JR., 54, é filósofo com doutorado pela USP, professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), e autor de "A Aventura da Filosofia" (editora Manole). **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

Professor no paraíso (GILBERTO DIMENSTEIN)

UMA DAS MELHORES escolas dos Estados Unidos descobriu um meio eficiente de estimular seus alunos: obrigá-los a ficar longe da escola - e por muito tempo. Durante 60 dias por ano, além das férias, eles não precisam pisar na sala de aula. A escola de ensino médio Summit Preparatory High School está chamando a atenção de educadores de todo o mundo por dois motivos: brilha no ranking das melhores dos Estados Unidos e, pública, tem seus alunos escolhidos por sorteio, muitos deles vindos de famílias pobres.

Perguntei ao diretor da escola, Brian Johnson, se os pais não tinham estranhado a novidade. "No começo, um pouco, mas depois eles viram a melhora nas notas. Quase todos os alunos entram na faculdade." É como se, na prática, estivessem reciclando o significado (e, para muitos, o prazer) de "matar" aula. Hoje eles estão definindo uma nova geografia do aprender e repensando o professor, cujo dia foi comemorado neste fim de semana.

Localizada numa cidade chamada Redwood, perto de San Francisco, na Califórnia, a Summit é uma escola pública independente, gerida com total autonomia por uma instituição sem fins lucrativos. Ela já nasceu com um objetivo: não apenas pôr todos os seus alunos nas faculdades mas também ajudá-los a ingressar no mercado de trabalho da região, hoje repleto de empresas ligadas à tecnologia da informação carentes de trabalhadores qualificados. Daí a ideia de tirar os alunos da escola, reservando uma semana ao final de quatro meses.

A complexidade da experiência está na gestão de uma série de parcerias para assegurar aos alunos espaços fora da escola, formando uma comunidade de aprendizagem. São oferecidos, em companhias profissionais, cursos de dança, teatro, música e computação, bem como estágios em empresas ou em laboratórios de universidades. "É incrível ver brilhar os olhos deles!", diz o engenheiro Paulo Blikstein, que recebe alguns desses alunos em seu laboratório em Stanford, nas proximidades da Summit.

Blikstein tem visto como as melhores escolas da região, especialmente as particulares, vêm mudando seu currículo, de modo a oferecer atividades extracurriculares com professores das universidades em áreas como nanotecnologia ou impressão digital. É evidente que isso é apenas a cereja do bolo. Não apenas o ensino na Summit é de tempo integral como há um programa diário para recuperação de quem não aprende, abundam recursos tecnológicos, os pais são obrigados a participar da vida acadêmica dos filhos - e por aí vai. O salário inicial do professor é de R\$ 80 mil por ano e vai aumentando de acordo com o desempenho do aluno. Professores de ciências e matemática ganham mais. Era necessário, porém, dar um choque de experimentação, colocando os alunos mais próximos de profissionais ou pesquisadores.

A solução foi sair da sala de aula e gerir essa comunidade de aprendizagem. "Vemos que os alunos aprendem tanto ou mais quando estão longe daqui. Quando voltam para a sala de aula, estão mais entusiasmados e percebem a aplicabilidade do que aprendem na escola", conta Brian.

PS- A Summit decidiu implementar um interessante sistema para ajudar os alunos que têm mais dificuldades, que, muitas vezes, pedem ajuda aos colegas para fazer as lições de casa ou tirar dúvidas. A escola treina seus alunos para

serem professores. Por essas e outras, empresários da região estão doando milhões para que se criem mais dez escolas públicas nos mesmos moldes.

Folha de São Paulo, outubro de 2011.

Filosofia da tecnologia (ALBERTO CUPANI)

A **DISCIPLINA** usa teses de filósofos como Heidegger, Foucault e Horkheimer para discutir as questões éticas e políticas, o impacto nas culturas, a relação da tecnologia com o poder e aquelas que os homens acham que não governam mais.



Ao ouvir a palavra "tecnologia", a maioria das pessoas pensa em algum aparelho sofisticado, como um computador, um forno de micro-ondas ou um foguete espacial, e a associa com a Engenharia. Mas a tecnologia é algo muito mais vasto e abrangente na vida da maior parte da população, direta ou indiretamente. Ela não consiste apenas em objetos, mas também em sistemas de objetos (como no conjunto necessário para realizar uma intervenção cirúrgica ou fazer uma viagem aérea), em modos de produzir e utilizar esses objetos, e até em formas específicas de agir, pensar e valorar. E, sem exagero, pode-se afirmar que existe toda uma mentalidade tecnológica, uma atitude tecnológica diante da realidade e um mundo tecnológico ao qual se torna cada vez mais difícil se subtrair.

"Tecnologia" designa modos de agir e fazer coisas, de forma e ciente, com auxílio da informação científica. Esta última contribuição diferencia a tecnologia da simples técnica, ou seja, de modos padronizados de ação que fazem parte da vida humana desde seus primórdios. Produzir fogo à maneira primitiva friccionando madeira, ou fabricar pão, supõe técnicas (modos de *know-how*). De igual modo, fazer um cálculo ou tocar um instrumento implica o domínio de técnicas. Um vestido confeccionado por uma modista ou uma cadeira fabricada por um marceneiro são objetos técnicos. Na utilização de tais objetos ou na execução de atividades técnicas, não precisamos ser conscientes do conhecimento exigido pela sua fabricação ou invenção, e o seu aperfeiçoamento pode reduzir-se à estratégia de ensaio e erro. No entanto, a melhoria (ou até a reparação) de objetos técnicos requer certo grau de pensamento abstrato. Quando ele é parcialmente científico e a inovação técnica é sistemática, fala-se em tecnologia.



EXISTE TODA UMA ATITUDE TECNOLÓGICA DIANTE DA REALIDADE E UM MUNDO TECNOLÓGICO AO QUAL SE TORNA DIFÍCIL SE SUBTRAIR

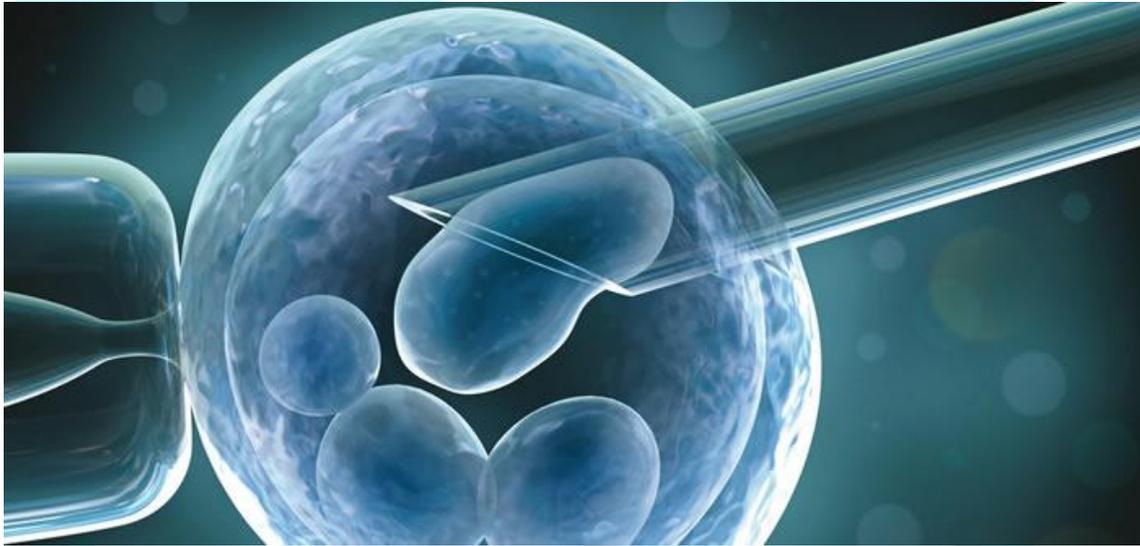
Hoje em dia, a imensa maioria dos objetos com que lidamos e que consumimos são produtos de atividades tecnológicas. As mais diversas atividades são agora tecnológicas: Administração, Arquitetura, Medicina, Agronomia, Pedagogia, Esporte... Vivemos mediante sistemas tecnológicos (são principalmente notórios os de transporte e comunicação), pensamos e valoramos cada vez mais em função de categorias tecnológicas. A mentalidade e a atitude tecnológicas são fáceis de advertir, bastando reparar no uso cada vez mais disseminado de expressões como "programar-se" para tal ou qual coisa, na avidez com que optamos por dispositivos que facilitem a nossa vida, na expectativa de que aparelhos e serviços sejam e cientes. As vantagens trazidas pela tecnologia são evidentes: muitas atividades se tornaram mais fáceis e rápidas, a existência é mais confortável, diversas doenças ou limitações são superadas e, sobretudo, possibilidades fantásticas (voar, prolongar a vida) surgem continuamente. Ao mesmo tempo, a tecnologia suscita dúvidas ou temores, como os relativos à clonagem, à energia nuclear e ao controle e manipulação das nossas vidas que os recursos tecnológicos permitem.

DISCIPLINA RECENTE

A Filosofia da Tecnologia é uma disciplina relativamente recente, pois data da segunda metade do século XX, beneficiando-se dos também recentes estudos de História e Sociologia da Tecnologia. Anteriormente, não faltaram filósofos que meditaram sobre a técnica ou sobre a tecnologia (como José Ortega y Gasset e Martin Heidegger), porém, a constituição da disciplina ocorreu só a partir da década de 1970. Como assunto de reflexão, é possível identificar quatro aspectos da tecnologia (Mitcham 1994): uma classe de objetos, um tipo de conhecimento, uma série de atividades e uma atitude do homem ante a realidade.

Os objetos tecnológicos são muito variados. Tratam-se, como no caso da técnica, de artefatos, objetos feitos conforme um saber-fazer, uma arte (*tekhne*, em grego), num leque que abrange de dispositivos (como

um *switch*) a autômatos ou semiautômatos (robôs industriais, ar-condicionado autorregulado), passando por instrumentos (um microscópio, um *kindle*), estruturas e máquinas (uma rede elétrica, uma fotocopiadora). Como tipo de conhecimento, a tecnologia abrange desde habilidades sensório-motoras (como aparafusar) a teorias (como uma teoria sobre o voo de aeronaves), passando por normas técnicas e regras de procedimento baseadas em leis científicas ("Para transformar água em gelo, deve-se fazer que a sua temperatura alcance 0° C."). Ao mencionar a tecnologia como série de atividades, quero dizer que ela não se reduz à fabricação de objetos, mas começa por sua concepção deliberada (*design*) e se prolonga no seu teste, na sua utilização, seu monitoramento, sua manutenção, seu conserto e seu aperfeiçoamento. Finalmente, a tecnologia como atitude alude a que ela exprime uma maneira específica de o homem enfrentar o mundo, diferentemente da atitude científica, filosófica, religiosa ou artística. A atitude tecnológica tem sido caracterizada diversamente: como vontade de controle da Natureza, de liberdade com relação a ela, e como espírito de e ciência.



De um lado, os inúmeros e inegáveis benefícios trazidos pela tecnologia. Do outro, os problemas trazidos por seu mau uso e as dúvidas. A clonagem é um exemplo de que os avanços do homem ainda suscitam incertezas

Ao olhar filosófico, a tecnologia suscita todo tipo de questões, a começar pelas ontológicas, isto é, as relativas ao ser da tecnologia. É ela uma "coisa", um processo ou o quê? Trata-se de algo real ou apenas de uma noção com que pensamos um conjunto de objetos, atividades e eventos? Há uma diferença essencial entre técnica e tecnologia? Qual é o ser dos artefatos? Como se diferenciam o natural e o artificial? Existe hoje em dia algo puramente natural? Como consequência dessas perguntas, torna-se mais aguda uma questão preexistente: o que é algo natural? Tem a tecnologia uma dinâmica própria? É por acaso autônoma (uma suposição suscitada pela aparente impossibilidade de mudar seu rumo e sobre a qual voltarei)? Determina a tecnologia os outros elementos da sociedade (economia, política, cultura)? É ela determinada por algum desses fatores, em particular?

O filósofo pode formular também questões antropológicas, vale dizer relativas ao sentido da tecnologia na existência humana. É a tecnologia algo constitutivo da condição humana ou um evento accidental? Responde a necessidades biológicas ou indica uma peculiaridade humana? Contribui para o progresso do homem ou para seu desenvolvimento cultural ou os prejudica? Pode a tecnologia satisfazer necessidades espirituais, além das materiais? As questões filosóficas acerca da tecnologia podem ainda ser epistemológicas, ou seja, referentes ao saber produzido e implicado pela tecnologia. Aqui, a pergunta básica é: consiste a tecnologia apenas na aplicação da Ciência à resolução de problemas práticos? É possível e/ou necessário diferenciar Ciência aplicada de tecnologia?¹ Que relação tem com o saber vulgar, especialmente com as técnicas não científicas? Existem leis tecnológicas? Importa a verdade em tecnologia? E quanto ao uso das tecnologias: que significa saber utilizá-las? É esse saber algo meramente repetitivo ou tem um aspecto criador?

Também no âmbito da axiologia, ou teoria dos valores, é grande a motivação do filósofo da tecnologia, a começar pela pergunta sobre o valor da própria tecnologia. É ela algo positivo ou negativo? Trata-se de uma entidade axiologicamente neutra e que possa colocar-se ao serviço de quaisquer finalidades? São os artefatos algo desprovido de conotação axiológica ou existem artefatos inerentemente carregados de valores, à maneira como uma metralhadora parece "naturalmente" temível e uma vacina algo "naturalmente" benéfico? Por outra

parte, é evidente que os objetos tecnológicos (um automóvel, um estádio, um telefone celular) são amiúde belos, construídos de acordo com um projeto que incluiu o objetivo de produzir prazer estético ao usuário. É a beleza tecnológica algo diferente da beleza natural (a de uma flor, por exemplo), ou ainda, da beleza dos objetos artísticos ou artesanais? De resto, todos os objetos tecnológicos parecem obedecer a um valor básico: o da eficiência (no desempenho de uma função), vinculada a outro valor: a economia (de tempo, de recursos, de custos). Como se vinculam esses valores centrais com outros valores impostos pelos contextos de produção e utilização das tecnologias, como a busca do lucro, o afã de status, o anseio de progredir ou o desenvolvimento de uma política?



De particular impacto social são as questões éticas e políticas provocadas pela tecnologia. É moralmente lícito produzir qualquer coisa tecnicamente possível? As armas, especialmente as atômicas, não são intrinsecamente perversas? A poluição ambiental potencializada pelas tecnologias não constitui uma conduta moralmente reprovável, ao comprometer a existência das gerações futuras? Temos direito a dispor tecnicamente da existência das restantes espécies vivas e até do planeta? É legítimo poluir o espaço sideral e outros planetas com nossos artefatos? O campo da Bioética não é menos rico em questões derivadas da existência de tecnologias cada vez mais sofisticadas, como as relativas aos transplantes, à fertilização *in vitro* e à experimentação com animais e fetos humanos. É moral

fazer isso tudo? Na Engenharia, não é dever do profissional alertar o público quando percebe um perigo originado na produção tecnológica em que está envolvido? Por sua vez, as tecnologias da informação e comunicação, do rádio até a Internet, envolvem problemas tais como o da licitude de produzir e disseminar qualquer tipo de informação. No campo da Filosofia Política, o desenvolvimento tecnológico suscita preocupações vinculadas à justiça na distribuição de benefícios, custos e riscos (a quem irá favorecer o novo sistema ou novo tipo de artefatos?; quem "pagará a conta"? , etc.), e à influência da tecnologia sobre a liberdade dos cidadãos. Os sistemas tecnológicos em que estamos cada vez mais inseridos facilitam ou coíbem o exercício da nossa liberdade?

PENSADORES DA TECNOLOGIA

Como se vê, a agenda da Filosofia da Tecnologia é suficientemente vasta como para atrair todo tipo de pensadores. O já mencionado Mitcham (1994) diferencia a Filosofia da Ciência dos humanistas (assim denominando os pensadores sem formação técnica ou científica) da Filosofia da Ciência dos engenheiros (os que possuem aquela formação). Os primeiros tendem a ser mais críticos e os segundos, mais otimistas com relação ao papel da tecnologia na vida humana. De minha parte (Cupani 2004), prefiro classificar os filósofos da tecnologia conforme o tipo de filosofia que praticam. A meu ver, as doutrinas filosóficas sobre a tecnologia podem ser classificadas amplamente em três correntes ou abordagens. Para uma delas, que denomino "analítica", examinar a tecnologia consiste em analisá-la conceitualmente, formulando perguntas como: O que é tecnologia? O que é um objeto tecnológico? Que relação tem a tecnologia com a racionalidade humana? Em que consiste a criatividade tecnológica?, etc. A obra de Mario Bunge, um dos pioneiros desta disciplina, é um bom exemplo desta corrente, na qual incluem outros autores – por outras razões, diferentes entre si – como Joseph Pitt, Friedrich Rapp e o próprio Mitcham. Uma segunda corrente está representada pela abordagem fenomenológica. De acordo com esta filosofia, procura-se descrever e interpretar o significado da tecnologia na existência humana. Nomes prestigiados desta posição são Don Ihde, Hubert Dreyfus e Albert Borgmann. Por fim, uma terceira abordagem reporta-se à crítica neomarxista da Ciência e da Tecnologia. Aqui, a figura de destaque é Andrew Feenberg, que prolonga, atualizando-as, teses de Horkheimer, Marcuse e Habermas, combinadas com ideias de Michel Foucault. No cerne da sua consideração da tecnologia está a denúncia do seu compromisso com a lógica do capitalismo e a possibilidade de modificá-la para que sirva ao propósito da emancipação humana.

NO CAMPO DA FILOSOFIA POLÍTICA, O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO SUSCITA PREOCUPAÇÕES VINCULADAS À JUSTIÇA NA DISTRIBUIÇÃO DE BENEFÍCIOS, CUSTOS E RISCOS



Outra questão trazida pela Filosofia da Tecnologia é a ética: a poluição ambiental, por exemplo, que é potencializada pelo uso de recursos do homem para ter uma vida mais confortável, seria uma atitude moralmente reprovável, porque compromete as gerações futuras

Concluindo esta breve apresentação da Filosofia da Tecnologia, mencionarei quatro tópicos de particular interesse. O primeiro deles é o da originalidade ou não da tecnologia como produto da Modernidade. Como vimos, reserva-se a palavra tecnologia para a transformação da atividade técnica ao combinar-se com a pesquisa científica, como ocorreu no Ocidente de maneira esporádica a partir do século XVII e sistematicamente a partir do século XIX. Existe uma polêmica a propósito de constituir ou não essa transição à geração de algo novo. Em outras palavras: é a tecnologia técnica potencializada ou constitui uma criação humana inédita? Para autores como Heidegger (1997) e Borgmann (1984), a tecnologia, forma especificamente moderna da atividade técnica, não constitui uma mera prolongação da técnica tradicional, mas encarna um *ethos* diferente, que Heidegger caracteriza como imposição com respeito à Natureza, e Borgmann como a transformação de tudo em "dispositivo" (um instrumento para alguma finalidade). Outros autores, como Bunge (1985), embora distinguindo entre técnica e tecnologia e vinculando esta última com a Ciência moderna, unificam ambas as atividades como estágios ou partes de uma idêntica motivação: a de agir de maneira e ciente em bases maximamente racionais.

IMPACTO NA CULTURA

Outro assunto filosoficamente fascinante é o do impacto da tecnologia nas culturas tradicionais ao ser introduzida nelas. A primeira e essencial modificação consiste na transformação paulatina de todos os problemas (práticos, sociais, existenciais) em questões técnicas, abordadas com critérios como racionalidade, e ciência, planificação, rapidez, facilidade, produtividade, etc. O conhecimento é entendido cada vez mais como informação ("dados"); o artificial é sistematicamente preferido ao natural. Dá-se também uma mudança na percepção e valoração da temporalidade: o futuro (a dimensão da projeção e da planificação) passa a ser mais importante do que o passado (o que foi "superado"), e de algum modo, que o presente (o instante controlado pelo relógio). A personalidade humana se

A screenshot of a WikiLeaks website page. The main heading is "KEEP US STRONG" in large, bold, black letters, with the subtitle "HELP WIKILEAKS KEEP GOVERNMENTS OPEN" below it. To the left of the text is a small image of a man's face. Below the heading, there is a quote: "WikiLeaks is a non-profit media organization dedicated to bringing important news and information to the public...". Further down, there is a section titled "The Guantanamo Files: 778 classified prisoner dossiers revealed from the world's most notorious prison" and another section titled "A breakdown of reports of Guantanamo being from 2002 to early 2010 and how each report relates to members of the public in the United States...". The page layout includes a navigation bar at the top with links like "Home", "About", "Contact", etc., and a sidebar on the left with "WikiLeaks" logo and "Keep us strong" button.

Em uma sociedade moderna, já que a informação tem muita facilidade de disseminação, a Filosofia da Tecnologia discute a licitude de eventos como o WikiLeaks

transforma: a espontaneidade é substituída pela sujeição a regras; a vivência própria cede à experiência comum, possibilitada pelos recursos técnicos; o sentimento se curva à escolha racional e o indivíduo se desenraiza cada vez mais do seu passado social para inserir-se no mundo abstrato da tecnologia, válida em qualquer contexto. As morais ancestrais são substituídas pelo "imperativo tecnológico" (o que pode ser feito deve ser feito). Pelo mundo afora, as culturas tendem a se assemelhar, os governos são tentados pela tecnocracia e a disseminação da mentalidade e dos produtos tecnológicos obscurece a possibilidade de viver de outra maneira. Esse impacto é apontado por autores que percebem a tecnologia como uma ameaça para a existência humana (como Borgmann e Jean Ladrière). Ele é valorado diferentemente pelos pensadores que veem na tecnologia recursos essencialmente favoráveis e libertadores do ser humano, como Bunge, Fernando Broncano e Pierre Lévy. Para eles, os riscos e as perdas que os críticos atribuem à tecnologia, ou não são tais, ou são exagerados, ou são ainda compensados pelas vantagens trazidas pela tecnologia, facilitando as atividades necessárias à vida humana e abrindo-lhe constantemente novos horizontes.



Uma questão instigante sobre a tecnologia é de como ela pode interferir significativamente na cultura, uma vez que as peculiaridades intrínsecas de um povo, pelos recursos técnicos, torna-se experiência comum. Portanto, as culturas tendem a se assemelhar

mencionado Feenberg (2002), bem como nas críticas de filósofas feministas à "política de gênero". Winner sustenta que "os artefatos têm políticas", no sentido de encarnarem ou implicarem determinada organização de poder e autoridade. Winner apela aos mais diversos exemplos: obras públicas que foram projetadas para manter divisões de classe ou impedir manifestações políticas, decisões industriais sobre novas tecnologias cuja motivação foi a oposição patronal à ação sindical, sistemas tecnológicos que exigem controle político centralizado (como as centrais atômicas) e sistemas que supõem controle democrático (como o uso da energia solar). Por sua vez, para Feenberg a tecnologia encarna valores antidemocráticos provenientes da sua vinculação com o Capitalismo e manifestos numa cultura de administradores (managers), que enxerga o mundo apenas em termos de controle, e ciência (medida pelo proveito alcançado) e recursos. Os valores e interesses das classes dominantes estão inscritos no próprio desenho dos procedimentos e máquinas, bem como nas decisões que os originam e mantêm. Particularmente interessante é a maneira como Feenberg mostra que a eficiência, valor central na tecnologia, tem um aspecto técnico (os aparelhos e sistemas devem funcionar) e outro social (eles supõem decisões políticas): "os objetos técnicos são também objetos sociais". A eficiência, ângulo da racionalidade tecnológica, não deve, pois, ser aceita como inevitável, mas analisada contextualmente e questionada por movimentos democráticos organizados. Já as filósofas feministas, como Helen Longino (1995), reclamam que as biotecnologias (principalmente as relativas ao controle da natalidade e à superação da infertilidade) são procedimentos em que as mulheres são objetos de invenções e decisões de homens.

FORA DE CONTROLE

Por último, cabe mencionar uma questão filosófica ainda mais acessível aos leigos, pois está envolvida nos temores inerentes às fantasias literárias e cinematográficas sobre um mundo completamente artificial e/ou governado por máquinas (de *Frankenstein* a *Matrix*, passando por *Brave New World*). Refiro-me à suspeita de que a tecnologia constitua, ou tenha chegado a constituir, uma entidade autônoma que o ser humano (já) não governa. Certamente, essa suspeita está alimentada pela dificuldade que temos para imaginar que a produção tecnológica e seus efeitos possam ser detidos ou inteiramente modificados. Como tese filosófica, ela foi sustentada pelo filósofo francês Jacques Ellul (1954). O já mencionado Winner dedicou-lhe um volumoso estudo (1977), ainda que sem endossar a tese da autonomia, antes se perguntando por que essa ideia é tão poderosa.

Prof. Lucas Rocha

O possível determinismo tecnológico, em forma mais atenuada (a tecnologia como principal força a moldar a vida social) tem sido diversamente sugerido, porém também resistido, sobretudo pelos autores que prestam atenção aos estudos históricos e sociológicos relativos à origem e transformação das realizações tecnológicas (ver p.e. Bijker, Hughes e Pinch 1989). Conforme estes estudos, a evolução tecnológica é por demais complexa para ser reduzida a uma entidade que se autoperpetua ou a um processo com leis inexoráveis. É bom que assim seja, podemos concluir.



Foucault fala de diferentes "tecnologias do poder", que se relacionam com a tese de Lewis Mumford, que diz que a atividade técnica sempre foi subordinada a empreendimentos sociais e políticos

ALBERTO CUPANI é Doutor em Filosofia (Córdoba 1974) com pós-doutorado na França. Professor de várias universidades da Argentina e do Brasil. Atual professor do Departamento de Filosofia da UFSC. Autor do livro *Filosofia da Tecnologia. Um Convite* (no prelo). **Revista FILOSOFIA, outubro de 2011.**

CUPANI, A. 2004 "A tecnologia como problema filosófico: três enfoques", em: **Scientiae Studia**, 4 (2): 493-518.

BIJKER, W.E., HUGHES, T. P. e PINCH, T. eds. 1989 **The Social Construction of Technological Systems**. London: The MIT Press.

BORGMANN, A. (1984) **Technology and Contemporary Life. A Philosophical Inquiry**. Chicago: Chicago U.P.

BUNGE, M. 1985 **Treatise on Basic Philosophy**, t. 7: **Philosophy of Science and Technology**. Dordrecht: Reidel.

ELLUL, J. 1954 **La technique ou l'enjeu du siècle**. Paris: Armand Colin.

FEENBERG, A. 2002 **Transforming Technology. A Critical Theory Revisited**. Oxford: Oxford U.P.

HEIDEGGER, M. (1997) **A questão da técnica** (trad. de Die **Frage nach der Technik**, 1954). São Paulo: Cadernos de Tradução da USP, N. 2.

LONGINO, H. 1995 "Knowledge, Bodies and Values: Reproductive Technologies and Their Scientific Context", in: A. Feenberg e A. Hannay eds. **Technology and the Politics of Knowledge**. Bloomington: Indiana U. P.: 195-212.

MITCHAM, C. 1994 **Thinking through Technology. The Path between Engineering and Philosophy**. Chicago: Chicago U.P.

MUMFORD, L. 1963 (orig. 1934) **Technics and Civilization**. New York: Harcourt, Brace and World.

ORTEGA Y GASSET, J. 1965 (orig. 1939) **Meditación de la Técnica**. Madrid: Espasa-Calpe (Existe ed. em português: **Meditação sobre a Técnica**, ed. Fim de Século, 2009).

WINNER, L. 1986 **The Whale and the Reactor. A Search for Limits in an age of High Technology**. Chicago: Chicago U.P.

WINNER, L. 1977 **Autonomous Technology. Technics-out-of- Control as a Theme in Political Thought**. Cambridge: The MIT Press.

O Homem que Sabia Filosofês (MARCELO GALLI)

Fã de Descartes na adolescência, o carioca Lima Barreto utilizou-se da Filosofia do francês e de outros filósofos para desmontar as armadilhas do discurso do seu tempo, tendo a Filosofia como uma grande influência em seu pensamento e sua obra



NÃO RARO o escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) dizia em seus textos que não havia meditado o suficiente para opinar sobre determinado assunto, deixando sua análise para um momento posterior. O uso do verbo não era por estilo, uma escolha de palavra, já que uns refletem, outros podem avaliar ou analisar. A preferência revelava uma influência do francês René Descartes (1596-1650), considerado fundador da Filosofia Moderna.

A Filosofia que fez parte da formação intelectual do jovem Barreto o fez afastar-se da Literatura que tanto o fascinava, principalmente das histórias de Júlio Verne (1828-1905), e se tornou, até o fim da sua vida, um importante instrumento por meio do qual desmontou a sociedade brasileira e as armadilhas do discurso do seu tempo em centenas de crônicas, contos e romances como *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Clara dos Anjos* e *Recordações do escrívão Isaías Caminha*.

Desde jovem, ele se interessou por temas filosóficos. Após o término do Liceu, na época em que estava em internato no curso preparatório para prestar exames para ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em uma época em que seus colegas de escola corriam de um lado para o outro nas horas vagas, Barreto se isolava em cantos com seus livros, conta Francisco de Assis Barbosa (1914- 1991), na principal e

definitiva biografia do autor feita na década de 1950. O biógrafo relata depoimento de José Oiticica (1882-1957), que teria estudado no internato na mesma época, sobre o gosto dos adolescentes por debates filosóficos. "Um grupo reduzido de estudantes cursava os últimos anos do Colégio Paula Freitas, uns externos, outros internos.



O positivismo e as aulas que Barreto teve com Mendes e a sua vivência naquele ambiente foram trampolins para descobrir filósofos

Havia entre estes um positivista, Carlos Costa, e outro que discutia o positivismo do colega; era Lima Barreto", diz Oiticica. "Frequentaria Lima Barreto, já naquela altura, a capelinha do Apostolado Positivista, na Rua Benjamin Constant?", questiona Barbosa. "Em 1896, talvez não, dada a sua condição de aluno interno. Mas no ano seguinte, quando começou a morar em pensões, juntamente com outros estudantes, com certeza frequentou", acrescentou.

Doutrina filosófica de fundo científico e empírico criada pelo francês Auguste Comte (1798-1857), o Positivismo teve disseminada aceitação pela elite dirigente e intelectualidade no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Prova disso é que a bandeira nacional carrega parcialmente um dos princípios do Positivismo, "Ordem e Progresso", criado por Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), filósofo, apóstolo da Humanidade e responsável pelo curso enciclopédico voltado para adolescentes. O jovem Barreto não escapou dessa influência, a considerada "religião da humanidade".



São nas obras do filósofo francês Descartes que Barreto encontra parte de sua base e orientação filosófica para a produção de seus livros

O Positivismo e as aulas que Barreto teve com Mendes e a sua vivência naquele ambiente foram trampolins para descobrir mais filósofos. "Deu-me, entretanto, a frequência daquela curiosa igreja o gosto pelas leituras de autores antigos, dos mestres que todos nós, em geral, só conhecemos de nome ou por citações", explica Barreto, por meio do personagem Vicente de Mascarenhas, em *O cemitério dos vivos*.

Continua ele: "A minha passagem pelo Positivismo foi breve e ligeira. Frequentei o apostolado cerca de um ano; mas, apesar de me ter convencido de muita coisa da escola, eu, até hoje, nunca pude acreditar que aquele conjunto de doutrinas, capazes de falar e seduzir inteligências, fosse capaz de arrebatara corações com o ardor e o fogo de uma fé religiosa". Não faltam críticas ao Positivismo feitas por Barreto ou por meio de alguns dos seus personagens de romances.

O personagem do romance, que teve como base um diário feito por Barreto durante sua segunda internação em um hospício, em seguida conta que durante a sua temporada positivista no templo adquiriu uma brochura traduzida do *Discours de la méthode*, de Descartes. Ele relata que lia o trabalho com atenção, "sem fadiga, antes com prazer", acrescentando que o que o encantara no texto do francês era a preconização por ele da dúvida metódica, "senão sistemática, a tábua rasa preliminar para se chegar à certeza". Depois, Mascarenhas conta que mais tarde ele leu partes de *Meditações metafísicas*, quando sua admiração pelo filósofo francês aumentou mais ainda.

Imagina-se o impacto que trechos como o que segue de *Discurso do método* podem ter provocado no jovem Barreto. "A verdade é que, ao limitar-me a observar os costumes dos outros homens, pouco encontrava que me satisfizesse, pois percebia neles quase tanta diversidade como a que notara anteriormente entre as opiniões dos filósofos.

De forma que o maior proveito que daí tirei foi que, vendo uma quantidade de coisas que, apesar de nos parecerem muito extravagantes e ridículas, são comumente recebidas e aprovadas por outros grandes povos, aprendi a não acreditar com demasiada convicção em nada do que me havia sido inculcado só pelo exemplo e pelo hábito; e, dessa maneira, pouco a pouco, librei-me de muitos enganos que ofuscam a nossa razão e nos tornam menos capazes de ouvir a razão. Porém, após dedicar-me por alguns anos em estudar assim no livro do mundo, e em procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a decisão de estudar também a mim próprio e de empregar todas as forças

de meu espírito na escolha dos caminhos que iria seguir. Isso, a meu ver, trouxe-me muito melhor resultado do que se nunca tivesse me distanciado de meu país e de meus livros”.

Mesmos passos

Aproveitando a observação de Descartes na linha final, é importante registrar que o escritor nunca viajou ao exterior; no Brasil, visitou poucas cidades, inclusive São Paulo. Em alguns aspectos, existem semelhanças entre o filósofo francês e Barreto, como a preferência na juventude por temas relacionados à geometria e o estilo de escrever, claro e que busca a comunicação sem entraves com o leitor. Segundo Bertrand Russel, na sua *História da Filosofia Ocidental*, “Descartes escreve não como um professor, mas como um descobridor e explorador, ansioso por comunicar o que encontrou. Seu estilo é fácil e sem pedantismo, dirigido mais aos homens inteligentes do mundo do que aos seus discípulos”.

Na mesma linha, mas em relação a Barreto, analisa M. Cavalcanti Proença no prefácio para a edição de *Impressões de Leitura*. Conforme o crítico literário, Barreto é direto e simples em seus textos para combater o estilo rebuscado de alguns literatos contemporâneos; o objetivo desse estilo é afirmar as verdades do escritor e influir sobre os leitores e ter a participação destes. Para tanto, continua Proença, “o espírito de ordem havia de levar-lhe a simpatia para os sistemas, dar-lhe diretrizes filosóficas – um pouco oscilantes de Comte a Spencer – e vemo-lo impressionado com as teorias transformistas, na fase de esplendor das ciências naturais, que esperavam definir o universo e enquadrá-lo num sistema”. Segundo Proença, “vem, por certo, desse desejo de clareza, certa abundância de enumerações e de sua variante, a gradação”, em alguns dos seus escritos. Em um trecho do seu *Diário do hospício*, Barreto diz que queria ser um geômetra, mesmo que “mediocre”.

Assis Barbosa conta que a vida do estudante de Engenharia Civil Lima Barreto, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde entrara em 1897, limitava-se às aulas e leituras na Biblioteca Nacional, principalmente relacionadas à Filosofia, “agora que estava curado do sarampo positivista”, escreve Barbosa. E isso apesar da agitação da Rua do Ouvidor, que ficava perto da universidade. Lia Kant, Spencer, Comte, Condillac, Condorcet, Le Bon, entre outros. Naquele período, o autor chegou até a escrever planos de estudos sobre a disciplina, como o “curso de Filosofia feito por Afonso Henriques de Lima Barreto para Afonso Henriques de Lima Barreto, segundo artigos da *Grande Encyclopédie Française Du Siècle XXème*, outros dicionários e livros fáceis de se obter”.



O Positivismo que outrora fora aliado de Comte, foi o preâmbulo de Barreto para novas descobertas, pensamentos e frentes ideológicas



Seu pai era mulato, nascido escravo, e empregado como tipógrafo pela Imprensa Nacional. Sua mãe era professora pública e faleceu quando Lima Barreto tinha apenas 7 anos. O escritor foi iniciado nos estudos por sua mãe e finalizou sua formação no Liceu Popular Niteroiense.

Registrado no *Diário Íntimo* de Barreto com uma frase do filósofo francês Maine de Biran (“No esforço voluntário, a reflexão interior se apercebe de um ‘eu’ que quer e de um ‘não eu’ que resiste”), o programa previa que o curso seria feito de acordo com a história do pensamento filosófico, sendo que cada época deveria ser representada “pela opinião dos seus mais notáveis filósofos”. “Na passagem de uma época para outra, constituirá o grande objetivo do curso estabelecer a ligação dos dois pensamentos, as suas modificações e o que se eliminou de um e por que essa eliminação foi feita, assim como as reações da Ciência e da Arte”, continua.

O curso estava dividido em quatro partes e oito estágios, sendo que o último se referia a religiões, crenças religiosas, animismo, fetichismo, politeísmo e monoteísmo, além de panteísmo e materialismo. As filosofias hindu e chinesa mereciam, separadamente, uma lição cada, assim como a Filosofia Contemporânea, incluindo Sociologia, estudo das raças e suas teorias. A Filosofia Moderna e suas escolas mereciam cinco lições no programa de Barreto. Em quatro lições ele pretendia abarcar a Filosofia da Idade Média, inclusive a árabe e a escolástica.

Duas lições para "Filosofia geral. Modo antigo de entendê-la e modo moderno de encará-la. Definição. Divisões. Lógica. Metafísica. Teodiceia. Filosofias particulares das Ciências e das Artes. O lugar que lhes compete. Fim da Filosofia. Utilidade". Esta divisão abria o curso, como se percebe pelo seu teor panorâmico e introdutório.

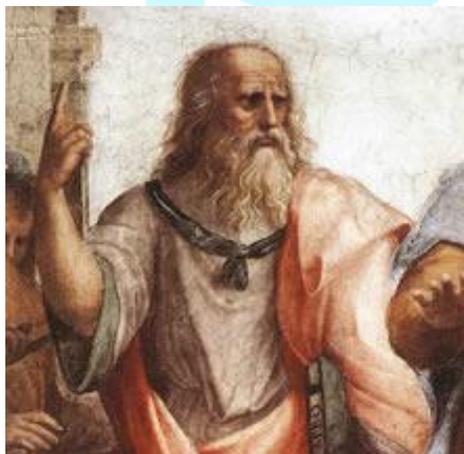


A filosofia de Maine de Biran traz a Barreto a dubiedade entre sentimentos e reflexão, característica que transporta às suas obras um leve aspecto subjetivo

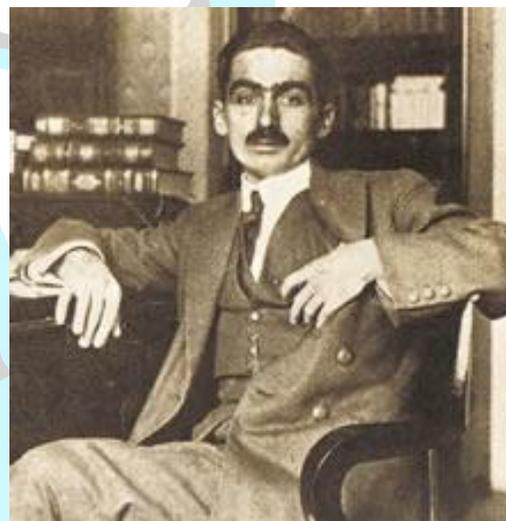
As partes inscritas no programa diziam respeito a "objeto da Filosofia (I e II). III – Método. IV – definição e divisões. Psicologia. Lógica. Teodiceia. Moral. Metafísica e Estética. Modos de encará-la; contribuições diversas do socialismo (estudos sociais), donde a modificação de sua significação primitiva". O plano é finalizado com a recomendação "o resto se fará pelo programa do antigo Colégio Pedro II (está no Paul Janet)".

No desenvolvimento do seu curso, Barreto esboça uma explicação sobre as especificidades do método filosófico e a diferença deste em relação ao adotado por outras áreas do conhecimento. Conforme o escritor, "o método filosófico, isto é, o processo de que a Filosofia se serve para chegar ao pleno conhecimento do objeto de seus estudos, não se distingue absolutamente dos métodos empregados nas demais ciências. Usa da abstração, da determinação, da síntese e da análise, da indução e da dedução".

Barreto vai além nessa explicação epistemológica e estabelece uma maneira de descobrir o método ou métodos usados por filósofos para gerar conhecimento. "Mas, sendo assim, o seu método possui caracteres específicos, tanto mais que o filósofo sabe que, além de tais processos de chegar à verdade, a inteligência possui outros que o cientista não admite nem emprega, o sentimento, a intuição. Portanto, fora das teorias a estudar, seria difícil caracterizar perfeitamente o método da Filosofia; só no estudo de suas doutrinas pode-se completamente compreendê-lo".



Platão era umas das inúmeras influências de Barreto, presente em trechos consideráveis e importantíssimos de sua obra



Monteiro Lobato via nas obras do escritor Lima Barreto uma nova forma de fazer romance. Conciliando reflexões sociais sem prolixidade

O curso foi levado a conhecimento do grande público pela primeira vez por meio da segunda edição dedicada a Barreto no suplemento literário "Autores e Livros", do jornal *A Manhã*, publicada em 23 de maio de 1943 (a primeira havia saído em 19 de abril daquele mesmo ano); o pesquisador Eloy Pontes ofereceu do seu precioso arquivo de originais de literatos a meditação filosófica manuscrita do escritor.

O suplemento do jornal, órgão oficial do Estado Novo, era dirigido por Múcio Leão (1898-1969), da Academia Brasileira de Letras (ABL). Segundo Pontes, a folha encontrava-se colada a um livro de Barreto. Anos depois, o esboço do curso foi incorporado à reunião de suas anotações cujo título é *Diário Íntimo*. Na opinião do crítico literário e ensaísta Agripino Grieco (1888- 1973), Barreto é o mais brasileiro dos romancistas locais, "o nosso primeiro criador de almas". "Ele sentiu, como nenhum outro escritor brasileiro, a tristeza e o humor que cabem na vida do pobre", acrescentou.

Já para Monteiro Lobato (1882- 1948), "não é exagero dizer que (Barreto) lançou entre nós uma fórmula nova de romance. O romance de crítica social sem doutrinismo de gramático. Conjuga equilibradamente duas coisas: o desenho dos tipos e a pintura do cenário. É um revoltado, mas um revoltado em período manso de revolta. Em vez de cólera, ironia, em vez de diatribe, essa *nonchalance* (indolência) filosofante de quem vê a vida sentado num café, amolentado por um dia de calor".

No texto *Amplius!*, espécie de prefácio para *Histórias e sonhos*, ao responder a uma carta anônima de um leitor que criticara *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Barreto diz qual era o objetivo da sua Literatura e expõe sinteticamente o que imaginava ser a missão dessa arte. Ele diz: "Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm em comum e dependente entre si".



Barreto carrega ideias contidas em definições como a de Platão, de que a filosofia é um saber que deve ser usado em benefício dos seres humanos

Ora, não há fundamentos filosóficos nessa definição? Percebe-se que sim. Sugerir dúvidas, ou seja, indagar, principalmente, é o princípio primeiro da disciplina. O trecho de Barreto também carrega ideias contidas em definições como a de Platão, de que a Filosofia é um saber que deve ser usado em benefício dos seres humanos; ou de Marx, de que a disciplina tem o objetivo de conhecer o mundo para transformá-lo, tendo em vista a justiça; ou ainda de Merleau-Ponty, como lembra Marilena Chaui, em seu *Convite à Filosofia*, de que a Filosofia é um despertar para ver e mudar nosso mundo.

Na biblioteca particular de Barreto, a "Limana", inventariada pelo escritor em setembro de 1917 e que era composta por mais de 700 volumes, havia vários exemplares sobre Filosofia e biografias e obras de filósofos. Entre aqueles, *Confessions* (Rousseau), *Pensées* (Pascal), *La religieuse* (Diderot), *As três Filosofias* (L.P. Barreto), *Philosophie positive* (Bourdet), *Précis de Philosophie* (R. Worns), *Lê fondement de la morale* (Schopenhauer), *Du libre arbitre* (S. Prudhomme), *Política* (Aristóteles), *Essais* (Montaigne), *El anticristo* (Nietzsche), entre outros.

Sobre o alemão Nietzsche, Barreto não dispensou críticas, mesmo que a princípio indiretamente, ao analisar as obras *Exaltação e Estudos* da "senhora dona" Albertina Bertha (1880-1953), um dos principais nomes da Literatura brasileira do chamado "romance de introspecção". O texto, de 1920, está nas suas *Impressões de leitura*. "Muito inteligente, muito ilustrada mesmo, pelo seu nascimento e educação, desconhecendo do edifício da vida muitos dos seus vários andares de misérias, sonhos e angústias, a autora do *Exaltação*, com auxílio de leituras de poetas e filósofos, construiu um castelo de encantos, para seu uso e gozo, movendo-se nele soberanamente, sem ver os criados, as aias, os pajens e os guardas", escreve ele.

Em *Estudos*, Albertina, em texto sobre Nietzsche, compara o "Super-Homem" ao Nirvana búdico e ao Paraíso cristão. Barreto contesta a comparação, expõe as incoerências, desculpa-se por sua rudeza e franqueza e em seguida se justifica para além da crítica literária e do conteúdo do trabalho dela: "não gosto de Nietzsche; tenho por ele ojeriza pessoal". Na visão dele, as ideias do filósofo, bem como o esporte, foram inspiradores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Nietzsche deu à burguesia governante de então, conforme Barreto, uma Filosofia que é a expressão de sua ação. Aquela, nas palavras dele, "exaltou a brutalidade, o cinismo, a amoralidade, a inumanidade e, talvez, a duplicidade". Adiante, o escritor defende valores como a caridade e a piedade, criticadas pelo filósofo, reforçando que a humanidade só pode subsistir por meio da associação, sendo aqueles sentimentos úteis para tal objetivo.

"Nietzsche é bem o filósofo do nosso tempo de burguesia rapinante, sem escrúpulos: do nosso tempo de brutalidade, de dureza de coração, do 'make money' seja como for, dos banqueiros e industriais que não trepidam em reduzir à miséria milhares de pessoas, a engendrar guerras, para ganhar alguns milhões mais", escreveu.

Em relação ao esporte, o autor cita um livro de Spencer, de 1902, cujo título é *Fatos e comentários*. No artigo do pensador inglês intitulado *Regresso à barbárie*, ele prevê o papel supostamente retrógrado que o atletismo, por exemplo, representaria no mundo. "Condenando-os, sobretudo o futebol, o grande filósofo dizia muito bem que todo

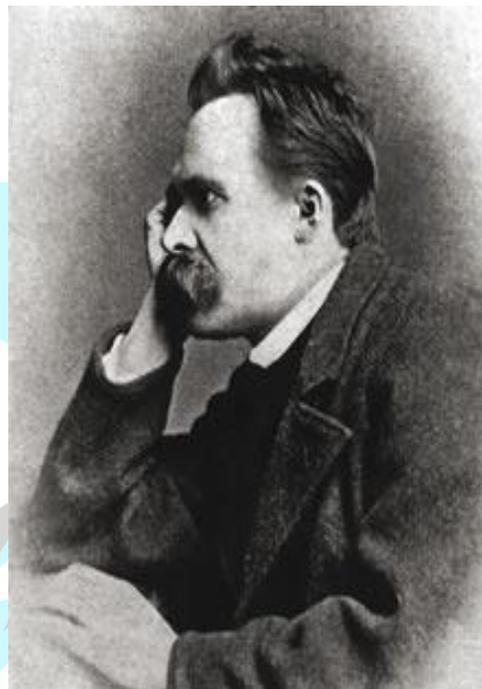
espetáculo violento há de sugerir imagens violentas que determinarão sentimentos violentos, dessecando a simpatia humana, enfraquecendo a solidariedade entre os homens”, analisa Barreto.

Em romances e crônicas o escritor carioca com frequência citava filósofos e suas reflexões. Sobre Condorcet, que foi figura ativa da Revolução Francesa e autor do texto *Réflexions sur l'esclavage des negres*, que agradou bastante Barreto na juventude e de onde pode ter tirado inspiração para escrever de punho próprio a história da escravidão no Brasil, trabalho que, infelizmente, nunca chegou a realizar; apesar de seu trabalho mostrar o reflexo e consequências de séculos de ilegalidade.

Nas suas *Impressões de leitura*, ele escreve e presta homenagem a esse tema muito caro ao seu espírito: “Não fossem os filósofos do século XVIII, especialmente Condorcet, e os filantropos ingleses, talvez ainda a escravatura negra estivesse admitida como legal, apesar dos Evangelhos, onde, afinal, todos nós que conhecemos os homens bebemos inspiração”. No texto, de 23 de abril de 1921, ele critica a religião, sobretudo a Católica, partindo da obra *Penso e Creio*, de Perilo Gomes, e toca na questão da escravidão. Melhor, da posição da Igreja Católica em relação à prática.

“Entretanto, quem acabou com esta infame instituição, a que o mundo antigo, no acertado dizer do Senhor Perilo, estava a tal ponto identificado que os seus filósofos mais eminentes, mesmo o virtuoso Sócrates, mesmo o quase divino Platão e o conciso Aristóteles reconheciam a sua legalidade; entretanto, dizia eu, quem conseguiu a vitória de extinguir semelhante infâmia, não soube ou não pode impedir a moderna escravidão negra nem propagou a sua abolição”, escreveu.

“Há exemplos isolados de eclesiásticos que a combateram; mas nunca um ato solene da igreja que a condenasse. A sua atitude perante a nefanda instituição foi a dos filósofos antigos de que fala o Senhor Perilo; foi a de reconhecer-lhe, senão a legalidade, pelo menos a necessidade”, acrescenta Barreto.



Nietzsche, para Barreto, era um modelo de como não fazer. Para ele, as obras do filósofo eram uma das causas das grandes mazelas humanas

MARCELO GALLI é jornalista e escreve para esta publicação. **Revista FILOSOFIA, outubro de 2011.**

Consumismo jovem (MARIA INÊS DOLCI)

OS JOVENS estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 24% têm entre 26 e 30 anos. Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho.

Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. O terceiro item da lista também é uma advertência, por si só: empréstimo pessoal.

A agiotagem é um dos negócios que mais se desenvolvem nos municípios brasileiros, com a oferta de dinheiro fácil, a juros extorsivos, para ávidos consumidores, principalmente das classes C e D. Dever desde os primeiros anos com carteira de trabalho assinada é uma péssima tendência para o futuro. Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui. É evidente que todos querem consumir.

Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento. Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro.

Há situações que precipitam a inclusão do consumidor em listas de devedores. Desemprego e despesas inesperadas, provocadas por doenças, são totalmente compreensíveis. Planejar as compras, contudo, poderia evitar a maioria dos casos de inadimplência. Prestações que "caibam no bolso", sem verificação do quanto se paga a mais por essa aparente facilidade; crédito rotativo dos cartões; e empréstimos em geral, inclusive os consignados, são alguns dos caminhos mais rápidos para estourar os orçamentos pessoais e familiares.

Falta, também, uma lei que proíba a concessão de crédito sem exigência de garantias. Porque não há milagre em finanças. Se uma empresa não exige comprovação de renda e bens que garantam o empréstimo, só há uma explicação plausível: ela compensa o risco de calote cobrando juros de agiota. Agiotagem é crime e não deveria ser permitida. Antes de chegar à faixa etária que tem mais devedores na pesquisa da ACSP, jovens frequentam escolas e

Prof. Lucas Rocha

universidades. São orientados sobre os riscos do consumo de drogas, do tabagismo e do alcoolismo e para a importância de preservar o ambiente.

Muitas vezes, têm aulas sobre cidadania, política e grandes desafios mundiais, como a escassez de água e as guerras religiosas. Por que não recebem mais subsídios sobre consumo consciente, não somente com foco ambiental, mas também em relação à proteção de seus bolsos e à aplicação do Código de Defesa do Consumidor?

Também nessa área é tolice imaginar que as autoridades resolvam tudo. Não solucionam nem problemas gravíssimos como filas nos corredores dos hospitais públicos e transporte coletivo superlotado... Os pais deveriam ajudar nesse processo educativo, mas, convenhamos, nem os adultos escapam do excesso de compras.

Então, não é uma surpresa saber que os mais novos não conseguem pagar suas contas em dia. Perder o crédito é um desastre para qualquer pessoa. Fecha as portas para a aquisição até de produtos fundamentais, totalmente necessários, como alimentos e medicamentos. Carimba os consumidores como devedores e isso tem repercussões em todos os segmentos da vida, inclusive o profissional.

Isso não pode, então, ser visto como mais uma tendência ou consequência da inclusão social. O papel aceita tudo. Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretece. É uma das condições para um futuro melhor, sem sobressaltos, sem cobradores e sem insônia. Não desejamos novas gerações repletas de devedores.

MARIA INÊS DOLCI, 56, advogada formada pela USP com especialização em business, é especialista em direito do consumidor e coordenadora institucional da ProTeste Associação de Consumidores. Escreve às segundas-feiras, a cada 14 dias, nesta coluna. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

A cosmética (LUIZ FELIPE PONDÉ)

SEMANA PASSADA eu falava da "ética da beleza". Tema difícil. Defendi que mulheres bonitas devem usar, com moderação, a beleza como ferramenta na vida.

E dizia que quem não usa é porque normalmente não tem. E que calcinhas fazem bem a vida cotidiana. Falava também que a beleza é um fator contingente (fruto da sorte). Muita gente se pergunta se a beleza não é cada vez mais fruto da grana.

A sabedoria popular tem mesmo um ditado pra isso: "Não existe mulher feia, existe mulher pobre". Isso é apenas mais ou menos verdade. Tem rica por aí que assustaria qualquer um a noite e pobre que encanta, mesmo que apenas na juventude. A relação entre grana e beleza se estreita à medida que os anos passam.

Assim como a relação entre saúde e grana. Sei que os "corretinhos" se irritaram com a ideia de que o mundo prefere as bonitas. Alguns desses "corretinhos" babam às escondidas em cima de meninas de 20 anos por aí, mas posam de sem preconceitos contra as mais feinhas. Não se deve confiar em pessoas que se dizem sem preconceitos. Os feios odeiam os mais bonitos.

Mas ser "corretinho" é marca de mediocridade, e infelizmente a mediocridade é enturmada e anda em bando, por isso ela é um risco contínuo para almas menos covardes (e por isso mesmo mais solitárias), desde a caverna. Fossemos depender deles (os mediócras), não teríamos sobrevivido ao escândalo da seleção natural. A diferença é que hoje eles alçaram ao poder porque descobriram que são a maioria. Uma das nobres funções da democracia é socializar o ônus da mediocridade dizendo que sustentá-la é um dever de todo cidadão, enquanto que ser medíocre é um direito apenas da maioria.

Vinicius de Moraes já dizia isso (que o mundo prefere as bonitas ou "me desculpe as feias, mas beleza é fundamental"), mas ele teve a sorte de viver antes de nossa nova hipocrisia do bem. Mas o que me espanta é como tanta gente (os "corretinhos") se irrita quando digo a mais banal verdade (o mundo prefere as bonitas) ao mesmo tempo em que vivemos numa cultura obcecada pela beleza de forma descarada (com as palmas silenciosas dos mesmos irritadinhos). Imagino muitos deles em frente ao espelho, às escondidas, se perguntando "espelho, espelho meu, existe alguém mais bonito do que eu?", ao mesmo tempo em que a insegurança os faz odiar a beleza dos outros.

Se você chamar a obsessão pela beleza de "direito a autoestima" os "corretinhos" não vão reclamar. Mas a questão é que escondemos essa obsessão, achando que ela é apenas um pecado da publicidade. Quer ver? Há algum tempo atrás, na Inglaterra, comerciais com imagens de mulheres "trabalhadas" por programas de computador foram proibidos porque passavam uma beleza "artificial" como padrão de beleza. Acho que as pessoas que proíbem comerciais assim, o fazem pra não se sentirem feias (o espelho delas responderia "sim, existe alguém mais belo do que você") e não porque se preocupam de verdade com a veiculação do padrão de beleza "artificial", como dizem.

Imagine se um desses censores de comerciais desse tipo for alguém de uns 50 anos ou mais, com tudo que isso implica em termos de "ação da gravidade" sobre o corpo e suas capacidades fisiológicas. Só não vão usar como também pagarão em 36 vezes no cartão sem juros.

Babarão sobre os pretensos resultados, comprarão roupas pra realçar estes mesmos resultados e à noite chorarão de felicidade quando o espelho acusar a suposta melhoria estética. E pensarão no silêncio de sua solidão: "Meu Deus como é triste ser feio e velho".

Tornar-se-ão consumidores obsessivos de revistas, blogs, gurus e sites especializados em beleza artificial e discutirão no "Face" acaloradamente a favor do "direito ao aumento de autoestima" que esses tratamentos de beleza artificial garantem, pelo menos por algum tempo, até a próxima depressão.

ponde.folha@uol.com.br - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

O jovem não tem mais o mesmo medo do HIV (JAIRO BOUER)

NA ÚLTIMA SEMANA, participei em Brasília de um grupo de trabalho no Ministério da Saúde para definir o "briefing" (informações, orientações) para que as agências de publicidade desenvolvam o esboço das campanhas do Dia Mundial da Aids (1º de dezembro) e do Carnaval 2012.

Especialistas e representantes de diversos setores da sociedade foram discutir qual será o foco dessas campanhas. Já há alguns anos o Brasil vive uma situação de "epidemia concentrada", ou seja, alguns grupos estão mais vulneráveis e merecem atenção especial. Neste ano, os jovens continuam como um foco importante de cuidado. Entre os jovens, dois grupos chamam atenção: as meninas, com suas dificuldades em negociar o uso do preservativo e sua confiança cega nos jovens companheiros; e os garotos que fazem sexo com outros garotos e têm se descuidado com frequência em suas novas experiências.

Dados sugerem que, em 35% dos casos novos em jovens, a transmissão se deu entre dois homens. Discutir a valorização da autoestima e da vida e o combate ao estigma, ao preconceito e à violência é parte dos objetivos da campanha do Ministério da Saúde. Outro foco é mostrar a importância, mesmo nos dias de hoje, do cuidado, da prevenção e da administração dos riscos no caso da Aids. Hoje, o jovem não vê o vírus HIV como sendo aquele mesmo bicho de sete cabeças que as gerações anteriores enxergavam. Houve uma banalização da doença, talvez por um afastamento dos períodos mais críticos da epidemia, da chegada de tratamentos mais eficazes ou, ainda, do uso de profilaxia (prevenção) com remédios em alguns casos especiais.

Mas a história está longe de ser resolvida. O vírus está aí, as pessoas continuam a se infectar em velocidade semelhante a dos últimos anos, e os jovens que têm uma longa vida sexual pela frente não gerenciam bem os seus riscos. O que fazer? Trabalhar a informação mais e melhor! Tentar mexer nas ideias e nas emoções é um caminho!

jbouer@uol.com.br - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

Recreio educativo (ROSELY SAYÃO)

UMA MANCHETE me chamou a atenção: "Aluna é castigada por correr na hora do recreio". O resumo da história é o seguinte: uma garota de dez anos, que cursa uma escola municipal em Colatina (ES), desceu correndo as escadas no recreio. Foi devidamente castigada: teve de escrever 500 (quinhentas!) vezes a frase "Não devo correr".

Claro, ela teve de cumprir a pena no horário em que cometeu a transgressão: no intervalo. Não fosse assim, não teria sentido a punição tampouco o efeito educativo, não é? Quanto tempo levou para dar conta do castigo? Seis dias. Seis dias sem recreio. Você já teve a oportunidade de ver "in loco" a hora do recreio em alguma escola de ensino fundamental 1, caro leitor? É uma experiência e tanto. Dezenas de crianças correndo sem olhar para o caminho e esbarrando com quem ou o que estiver à frente e, ao mesmo tempo, berrando tresloucadamente.

Quando me perguntam o que é um recreio bom, digo que se um velho ou um bebê for colocado no meio do espaço e sobreviver sem escoriações é porque as crianças fazem um bom intervalo. Mas esse comportamento das crianças poderia fazer parte de alguma brincadeira que exigisse isso, não é? Em geral, não é. Agem assim, talvez, porque não sabem o que fazer com esse período livre. Porque não sabem brincar, compartilhar um espaço. Agem assim, principalmente, porque ninguém as ensina que pode ser diferente.

Ao descer uma escada correndo, a criança se coloca em situação arriscada e também os outros. Mas não é escrevendo 500 vezes "Não devo correr" que ela aprenderá que há locais mais adequados para correr e outros menos. As escolas parecem não saber ensinar o que exaustivamente repetem sobre seu projeto pedagógico. "Educar para a cidadania" é uma frase que sai fácil e as escolas a repetem mais do que 500 vezes.

Mas na hora de praticar... Criança tem energia e precisa gastá-la. Pode ser correndo, sim, mas pode ser de outras maneiras. Hoje, consideramos que criança precisa correr, gritar, pular. Não precisa. Aliás, fica mais agitada quando assim se comporta. Parece que perdemos a mão na hora de ensinar. Falar não é ensinar, exigir não é ensinar, cobrar o que foi falado tampouco. Talvez uma mistura disso tudo com outros ingredientes possa formar um ensinamento.

Mesmo assim, precisamos ser mais claros e precisos na hora de falar. Crianças costumam ser precisas. Uma

professora me contou que parou um aluno para dizer que lá ele não deveria correr. "Então por que aqui se chama corredor?" perguntou o menino. E com muita razão, do ponto de vista dele, vamos convir. É possível ter uma escola com um recreio bom, sim. Muitas têm. Essas sabem o que é preciso: oferecer propostas, tutelar a convivência entre os alunos, mesmo à distância, e determinar locais para os que querem ficar tranquilos e para os que querem brincar com mais liberdade são alguns exemplos. Há muitas outras possibilidades.

Mas isso exige educadores por perto, não apenas inspetores. Para tanto, as escolas precisam reconhecer que a hora do recreio é uma excelente oportunidade educativa e, como tal, exige planejamento, objetivos, estratégias e um ambiente organizado e minuciosamente preparado para o que pode acontecer. Aliás, é bom lembrar que o ambiente escolar, inclusive o do recreio, deve funcionar como um elemento educativo.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha). **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

Tolerância zero (GIOVANNI GUIDO CERRI)

A ADOLESCÊNCIA é a fase de experimentações. De descobertas, paixões arrebatadoras, questionamentos, insegurança e outros aspectos comportamentais típicos dessa fase da vida, alguns dos quais são bastante arriscados, como sexo desprotegido e consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas.

Socialmente aceito, o álcool está presente nas mesas de grande parte das famílias, nos bares, nas lojas de conveniência, nas baladas, nos shows e nas festas. No Brasil, mais de um milhão de pontos de venda oferecem bebidas de variados teores alcoólicos. O acesso ao álcool, no Brasil, é extremamente fácil e seu consumo é estimulado em propagandas veiculadas inclusive de manhã e à tarde, no caso da cerveja, durante partidas de futebol e outros programas.

Crianças e jovens brasileiros estão acostumados a ver seus pais e familiares bebendo, são expostos à publicidade, frequentam locais onde bebidas alcoólicas estão nas prateleiras e gôndolas, veem seus ídolos de futebol e artistas favoritos consumindo álcool ou até morrendo em decorrência do abuso dessas substâncias. Não são raros os jovens que, em decorrência de todos esses fatores, se arriscam a iniciar, cada vez mais precocemente, o consumo de bebidas alcoólicas, alguns escondidos da família e outros com o consentimento de seus pais ou responsáveis.

É extremamente preocupante, sob o ponto de vista da saúde pública, que adolescentes e crianças bebam qualquer quantidade de álcool. Esse pode ser o primeiro passo para o abuso e, depois, para a dependência química, com sérios danos à saúde. Uma pesquisa do Instituto Ibope, feita a pedido do governo do Estado, apontou que 18% dos adolescentes entre 12 e 17 anos bebem regularmente, e que quatro entre dez menores compram livremente bebidas alcoólicas no comércio.

Há diversas maneiras de coibir o uso de álcool por menores de idade. Restringir a propaganda, elevar impostos, diminuir a exposição nos pontos de venda. O Estado de São Paulo optou, dentro de sua competência legal, pela prevenção nas escolas e por uma legislação mais dura, que pune severamente estabelecimentos que vendam, ofereçam ou permitam que crianças ou adolescentes consumam bebidas alcoólicas. O diferencial dessa nova lei, que acaba de ser sancionada pelo governador Geraldo Alckmin, está justamente na palavra consumo.

Antes, a venda de bebida alcoólica para menores já era proibida, classificada como crime, mas, se um adulto comprasse o produto e o repassasse imediatamente a um adolescente, o proprietário do estabelecimento era isento de qualquer responsabilidade. Agora, caberá aos responsáveis pelos estabelecimentos exigir documentação e comprovar que não há ninguém com menos de 18 anos consumindo álcool no local, sob risco de ser multado, interditado e até mesmo de perder sua inscrição no cadastro de contribuintes do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) paulista.

Alguns hábitos e mudanças de cultura são mudados por força de leis, quando elas são seguidas de fiscalização rigorosa e de um trabalho de conscientização e educação. Foi assim nos casos de obrigatoriedade do cinto de segurança e de proibição do fumo em ambientes fechados.

E assim será com essa nova legislação de tolerância zero à permissão para que crianças e jovens tenham acesso a uma substância psicoativa que pode causar dependência, doenças graves, acidentes, violência e morte.

GIOVANNI GUIDO CERRI, médico e professor da Faculdade de Medicina da USP, é secretário de Estado da Saúde de São Paulo. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

Deficiente é a inclusão social (EDUARDO DE ALMEIDA CARNEIRO)

DE ACORDO com o Censo 2000, 14,5% da população apresenta algum tipo de incapacidade ou deficiência física. Visto assim, como simples estatística, estamos diante de um número curto e frio. Tão frio quanto ignorar que, na prática, estamos falando de um contingente de mais de 27 milhões de brasileiros! É como se a todos os cidadãos de toda a Grande São Paulo estivesse faltando um braço, uma perna. Ou os dois. Ou os quatro.

Prof. Lucas Rocha

Como se nós vivêssemos em uma metrópole literalmente movida à cadeira de rodas. Mas ainda assim cidadãos, com todos os direitos - e deveres - iguais aos de qualquer pessoa que esteja lendo este artigo neste momento. O Brasil é signatário da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Mas nós, brasileiros, infelizmente ainda somos preconceituosos e hipócritas ao julgar (quem pode julgar?) o deficiente não pelo valor humano do seu olhar, mas pelas formas físicas que os diferem da média.

No "país do futuro", com uma das economias mais vibrantes e crescentes da atualidade, perde-se uma oportunidade astronômica de vencer barreiras e promover a inclusão social de gente com enorme vontade e capacidade de trabalhar, sustentar famílias, gerar renda, estudar e ser respeitada. Ou seja, simplesmente participar e usufruir da sociedade. Sem dúvida os empregadores da iniciativa pública e privada estão se preocupando cada vez mais em promover ambientes de trabalho adaptados. Mas é o suficiente? Não.

Os olhares indiscretos dos colegas de escritório são muros de concreto intransponíveis. E como elas chegam ao trabalho com tantas calçadas esburacadas, motoristas que não respeitam faixas de trânsito, transporte público adaptado incrivelmente escasso e passageiros sem a menor paciência para esperar o cadeirante se acomodar no ônibus ou no metrô?

Como as crianças deficientes podem ser educadas adequadamente com uma preocupante lacuna de educadores, despreparados para responder às suas necessidades específicas? Aliás, o que os engenheiros dos estádios da Copa de 2014 e das demais obras deste canteiro chamado Brasil estão preparando para os 27 milhões de torcedores? Há 61 anos, a AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente), entidade sem fins lucrativos, com seus profissionais e voluntários, vem lutando para tratar, reabilitar e promover a inclusão social de pessoas com deficiência física.

Em 2010, conseguiu realizar 1.348.799 atendimentos, entre cirurgias, consultas, aulas e terapias. Foram mais de 5.800 atendimentos diários, 6.451 cirurgias e 60.655 aparelhos ortopédicos fabricados e comercializados, que contribuíram para melhorar a qualidade de vida de milhares de deficientes físicos. Graças à gestão profissionalizada e, principalmente, às doações do Teleton (campanha televisiva que será levada ao ar nos dias 21 e 22 de outubro pelo SBT e pela TV Cultura), mantém 12 unidades no Brasil. Vitórias diárias, sabemos. Mas cujas medalhas da inclusão social e do fim do preconceito ainda esperamos receber.

EDUARDO DE ALMEIDA CARNEIRO é presidente voluntário da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente). **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

Globo, Record e o comércio de fluídos e secreções (MALU FONTES)

RECENTEMENTE, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, disse em público aquilo que muitas autoridades e poderosos vivem dizendo longe das câmeras e microfones. Referindo-se a matérias feitas pela Rede Record sobre acusações contra ele, Teixeira disse à entrevistadora, na revista Piauí, algo do tipo: "só vou ficar preocupado, 'meu amor', quando sair no Jornal Nacional".

No início da última semana, a Folha de S. Paulo, referindo-se à forma como a emissora dos irmãos Marinho está se comportando em relação aos jogos Pan-Americanos, fez uma pergunta que tem tudo a ver com a resposta de Teixeira: se uma árvore cai na floresta e a Globo não mostra, será que ela caiu? E se a principal rede de televisão do país dá mais espaço para a Stock Car e o showbol é porque esses "esportes" são mais importantes que o Pan?

O fato de a Rede Record deter os direitos de transmissão dos jogos e o modo como a Globo vem se referindo ao evento diz muito sobre o que leva o jornalismo e o telejornalismo a dar um maior, menor ou nenhum destaque à cobertura de um determinado assunto. Não, não é o interesse público e nem mesmo o interesse 'do' público que leva uma emissora a centrar fogo na cobertura de um assunto. É, e sempre será, é bom acostumar-se, o interesse comercial da emissora. Como não tem os direitos de transmissão do Pan, a Globo praticamente o ignora.

PRINCÍPIOS EDITORIAIS - A Controle da Concorrência, que monitora as inserções publicitárias em todas as emissoras, informa que no primeiro dia das competições do Pan a Globo deu ao evento apenas 28 segundos, somando o tempo usado para falar dos jogos em todos os programas jornalísticos da emissora. Em 2007, quando detinha os direitos de transmissão, a Globo dedicou nada menos que uma hora e 38 minutos no primeiro dia, somando o tempo dado em todos os seus noticiários.

Os jogos são os mesmos, as medalhas e as derrotas para os atletas brasileiros continuam tendo o mesmo peso de sucesso e fracasso. O que mudou? Mudou apenas o dono do cofre onde caem as moedas advindas da venda das cotas publicitárias de patrocínio da transmissão do Pan. Se é a Record quem lucra com o evento, a Globo praticamente o ignora como fato.

Sim, só episódios assim para mostrar que não passa de mero efeito de merchandising de umbigo todo o barulho feito pela Globo para divulgar os Princípios Editoriais das Organizações homônimas, segundo os quais "jornalismo é o conjunto de atividades que, seguindo certas regras e princípios, produz um primeiro conhecimento sobre fatos e pessoas. Qualquer fato e qualquer pessoa".

Prof. Lucas Rocha

O diabo se esconde é no que a linha editorial das organizações deve considerar como sinônimo de 'certas regras' e de 'qualquer fato'. Pelo jeito como a TV Globo se comportou durante a semana, os Jogos Pan-Americanos de Guadalajara estão abaixo da categoria de 'qualquer fato' e muitos dos atletas brasileiros na competição estão abaixo de 'qualquer pessoa'. A detenção dos direitos pela Record e a indiferença indistigável da Globo diante do Pan já levou as duas a trocarem sopapos verbais não apenas nos bastidores do jornalismo, pois não é do feitio da emissora do bispo falar da concorrente pelas costas. Fala e praticamente ameaça de processo diretamente da bancada dos seus telejornais.

PELEJA E PUS - A versão da Record é a de que, assim que comprou os direitos de transmissão do Pan, enviou a todas as concorrentes brasileiras, conforme determinam as regras internacionais de cessão de direitos de uso de imagens, um termo disponibilizando dois minutos diários dos jogos, o mesmo comportamento, diga-se, que a Globo adota nos eventos que são de transmissão exclusiva dela. Ainda segundo a Record, SBT, Rede TV!, Cultura, Gazeta, TV Brasil, Band Sports e Band News assinaram o documento. Sportv, ESPN e Band não responderam e a Globo respondeu que não tinha interesse. Nesse contexto, as imagens que todas as emissoras signatárias do documento veiculassem deveriam, obrigatoriamente, ser creditadas à Record, com a exibição na tela do logo colorido da emissora. Sim, o Jornal Nacional exibiu imagens sem o logo e deu-se a guerra. A Globo argumenta que recebeu as imagens de uma agência internacional da qual é cliente. A Record diz que é mentira e o bate-boca continua. O fato, no entanto, é que, com Pan ou sem Pan, a Globo não perdeu audiência e manteve-se na liderança.

Não deixa de ser interessante para o telespectador mais astuto descobrir que mais importante do que a notícia é o interesse publicitário em jogo por parte das emissoras de TV. Mas por isso não se arregala mais os olhos nem se perde o sono, sobretudo numa semana em que o assunto que mais marcou o telejornalismo nacional, além de mais um escândalo envolvendo um ministro, foi um espasmo literal de nojo, diante do qual a peleja Globo-Record é assunto de luxo de comadres.

O que a televisão trouxe de novo durante a semana foi a consciência nacional de que o Brasil, por livre e espontânea vontade, se transformou em mercado para um tipo de comércio deplorável: o país é a praça emergente da compra e venda de fluidos e secreções de lixo hospitalar.

Sim, o Brasil Já pode se anunciar como o país que compra sangue, pus, secreções e dejetos. Não demora e aparece algum defensor da tese de que tal prática merece elogios, por representar uma vanguardista estratégia criativa do brasileiro em favor da causa da reciclagem, tão em moda nos discursos dos antenados.

MALU FONTES é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura e professora da Facom-UFBA. Texto publicado originalmente em **23 de outubro de 2011, no jornal A Tarde**, Salvador/BA. maluzes@gmail.com

Fundamentos da moral (CONTARDO CALLIGARIS)

NUM BELO DIA de 1760 ou por aí, Denis Diderot recebe a notícia de que Jean-Jacques Rousseau desistiu de escrever o verbete "Moral" da grande Enciclopédia, da qual Diderot é um dos editores-chefes. A impressão do décimo volume da obra está parada na espera do texto. A solução é Diderot escrevê-lo, na hora, ao longo de uma tarde durante a qual várias circunstâncias colocam à prova, justamente, a moralidade do filósofo.

Essa é a situação apresentada na peça "O Libertino", de Eric-Emmanuel Schmitt, em cartaz até 27 de novembro no teatro Cultura Artística Itaim, em São Paulo. A peça foi adaptada e é dirigida por Jô Soares, com o brio alegre de uma farsa de Feydeau ou de uma comédia de Goldoni, e com um elenco particularmente feliz (a começar por Cassio Scapin, que é Diderot). Um provérbio latim diz que, rindo, a comédia critica os costumes. "O Libertino" nos leva não só a criticar nossos costumes, mas a examinar os frágeis fundamentos de nossas normas morais. Vamos com calma.

O evento apresentado na peça é uma ficção. O verbete "Moral", como quase um terço da Enciclopédia de Diderot e D'Alembert, foi escrito pelo cavalheiro Jaucourt, que redigiu sozinho mais de 17.000 verbetes, até merecer o apelido de "escravo da Enciclopédia". O cavalheiro era culto e sem brilho: o verbete "Moral" é um texto chato, com uma ou outra afirmação ousada - por exemplo, Jaucourt escreve que a moral é um investimento mais seguro do que a fé, porque um ateu virtuoso pode se salvar, enquanto não há salvação para um crente vicioso. Mas o que é virtuoso e o que é vicioso?

É fácil responder, se acreditarmos numa revelação divina. Mais complicado é fundar uma moral laica, inspirada pela razão. Jaucourt sugere apostar no número, notando que os povos civilizados concordam quanto aos pontos essenciais da moral, ao passo que podem discordar totalmente em matéria de fé religiosa. Talvez o aprimoramento mais recente do argumento de Jaucourt seja o de John Rawls. Em "Justiça como Equidade" (Martins Ed.), Rawls propõe que a gente aceite como normas sociais morais aquelas que aprovaríamos por unanimidade, caso todos nos esquecêssemos completamente de nossa etnia, de nosso status, de nosso gênero e de nossa concepção do bem. Essa amnésia fundaria nossa moral, pois, graças a ela, seriam aprovadas só as normas que servissem ao bem de todos. Laborioso, hein?

Seja como for, as sugestões de Jaucourt e de Rawls valem sobretudo para a moral pública. Mas como se fundamenta a moral privada, que nos orienta na escolha do bem e do mal no dia a dia? Essa é a questão com a qual "O Libertino" nos faz rir e pensar. Na peça, Diderot está hospedado na casa do barão d'Holbach, por cuja filha (ótima Luiza Lemmert) ele é seriamente tentado. D'Holbach era ele mesmo um contribuidor da Enciclopédia. No seu "Sistema da Natureza", o barão avançava a ideia de que a virtude moral deveria estar ao serviço de nossa felicidade. Na peça, Diderot, escrevendo seu verbete, tenta adotar esse argumento, que d'Holbach desenvolvera até ao paradoxo: se um homem for feliz no vício (e não na virtude), de repente, o vício seria legitimamente sua moral. Problema.

O barão d'Holbach era ateu e materialista. Questão: se o homem é uma máquina sem alma, ele não tem liberdade de escolha, e, se ele não é livre, a própria ideia de moral perde seu sentido. Mais um problema. Enfim, se você puder, assista à peça e se divirta. Se não puder, divirta-se imaginando como você escreveria o verbete "Moral" de sua enciclopédia pessoal -e lembre-se: você não tem o conforto de acreditar numa revelação divina e nem está convencido de que sabemos resistir livremente a nossos impulsos e desejos.

Lembre-se também de escrever seu verbete numa tarde em que, como Diderot, 1) você é tentado pelo adultério, embora ame sua mulher, 2) você gostaria de seduzir a filha de um amigo, a qual tem a idade de sua filha, 3) você professa opiniões "avançadas", mas não quer que elas valham no caso de sua filha, 4) você é seduzido pelo charme de uma criminosa, a ponto de se perguntar se, no fundo, os valores estéticos não deveriam ser mais importantes que os valores morais (não se escandalize: há românticos e modernos para pensar exatamente isso).

Mais uma coisa: se você for mulher ou tiver preferências diferentes das de Diderot, apenas mude o gênero no parágrafo acima.

ccalligari@uol.com.br - Folha de São Paulo, outubro de 2011.

Até quando vamos tolerar desigualdades? (MARIA ALICE SETUBAL)

NÃO PODEMOS aceitar como inevitáveis as cenas de guerra entre policiais, exército e moradores de comunidades vulneráveis a que assistimos diariamente pela mídia, assim como não é natural que grande parte da população sofra com falta de saneamento básico, vivendo em moradias precárias, em locais com poucos equipamentos de saúde, esportes e cultura, onde a violência e o tráfico de drogas denunciam a falta do Estado e de políticas públicas.

Não é normal que apenas 18,4% das crianças de zero a três anos tenham acesso à creche e que 25% das crianças de quatro a cinco anos estejam fora da educação infantil. É inadmissível que somente 51% dos jovens de 15 a 17 anos curse o ensino médio. Ou ainda salas de aula fechadas por péssimas condições e Estados que não cumprem a lei do piso salarial dos professores, acordado em torno de R\$ 1.200.

Enfim, não podemos permitir a perpetuação das desigualdades educacionais evidenciadas pelos resultados pífios de escolas de territórios de alta vulnerabilidade social das grandes metrópoles e de escolas dos pequenos municípios rurais nas avaliações nacionais. E o que nós, cidadãos, empresas e organizações podemos fazer? Devemos nos unir para pressionar nossos governantes, para que façam valer o direito a uma educação de qualidade para todos.

Soluções isoladas não apresentam resultados efetivos e ainda aumentam as desigualdades, caso das empresas que investem na capacitação de seus funcionários como resposta ao "apagão da mão de obra" ou que abrem escolas de excelência para poucos afortunados.

Não é aceitável que tenhamos escolas boas para a classe média alta e escolas ruins para as crianças pobres. A educação de qualidade ainda é vista como privilégio de poucos. É natural querermos o melhor para os nossos filhos. Entretanto, se não reivindicarmos melhores escolas para todos, aumentaremos ainda mais o fosso da desigualdade na nossa sociedade.

Como parte dos países emergentes, o Brasil finalmente tem voz. No entanto, ainda não mostramos a que viemos e como podemos fazer a diferença e influenciar o mundo. Muitos apontam que essa influência se dará pela riqueza da nossa biodiversidade e pela possibilidade de mostrarmos saídas para uma sociedade sustentável.

Ou, ainda, pela nossa miscigenação, capacidade de articulação e diálogo para alcançar consensos e lidar com o diferente e, finalmente, nossa alegria e criatividade, dimensões cada vez mais valorizadas no mundo contemporâneo. Nesse cenário, a educação tem um papel primordial.

Priorizar a educação é nos indignarmos com o fato de não garantirmos ainda que nossas crianças e jovens tenham uma aprendizagem adequada. É incorporarmos de forma radical, como fizeram Xangai, Finlândia e Canadá, primeiros colocados nas avaliações educacionais internacionais, o direito de cada um e de todos a uma educação de qualidade e que responda aos desafios do século 21.

Para isso são necessários professores bem formados e comprometidos e, sobretudo, gestores que desenhem políticas e deem as condições necessárias para que as escolas possam cumprir suas metas.

Prof. Lucas Rocha

Obviamente, isso exige recursos para a qualidade das instalações, dos profissionais e dos materiais didáticos. Temos a chance de fazer a revolução educacional que a sociedade brasileira demanda, e temos valores que podem viabilizar um modelo educacional consistente com o mundo contemporâneo. O que precisamos é superar a aceitação das desigualdades, nos unirmos na indignação e fazermos valer o direito de todos a uma escola pública de qualidade.

MARIA ALICE SETUBAL, doutora em psicologia da educação pela PUC-SP, é presidente dos conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, da Fundação Tide Setubal e do IDS - Instituto Democracia e Sustentabilidade. **Folha de São Paulo, outubro de 2011.**

Psicologia Positiva nas corporações (LÍLIAN GRAZIANO)

Mais do que a promoção de um bom resultado, a aplicação da psicologia positiva nas empresas pode promover melhor resultado

DIA DESSES diverti-me diante do breve e bem-humorado relato que um aluno de MBA fez acerca da empresa na qual trabalhava: "Professora, aquilo lá se cobrir vira circo e se cercar vira hospício!". De fato, a piada não é nova, mas ouvi-la sair assim, tão espontaneamente da boca daquele aluno foi motivo de riso para a turma toda. No cotidiano acadêmico, exemplos como esse são frequentes e fazem mais por nossas aulas do que simplesmente acrescentar-lhes humor: constituem-se em riquíssimos exemplos do que NÃO fazer em termos de gestão. Mal sabem as empresas o que esses frequentes desabafos em aula fazem pela imaculada imagem que seus milionários esforços de marketing procuram construir. Será que ser motivo de piada em cursos de pós-graduação traz algum prejuízo financeiro para as empresas?

Certamente sim! Mas como reza a míope regra do mundo corporativo, "aquilo que não aparece no balanço, não existe"! Não importa que meu cliente (também ele um aluno de MBA) tenha escutado que os valores que minha marca prega são apenas "fachada" e que não se traduzem nas minhas práticas de gestão. E que ao lado desse cliente, o aluno mais talentoso da turma, que coincidentemente acabara de ser aprovado num



processo seletivo da minha empresa, tenha decidido aceitar a vaga do meu concorrente, em cujo processo seletivo ele também fora aprovado, justamente por ser extremamente talentoso.

Como saldo dessa "piadinha" (sempre acompanhada de um extenso relato sobre os bastidores da minha empresa), meu cliente deixou de acreditar na marca que gastei milhões para construir, passou a piada pra frente em sua festa de aniversário, deixando outros clientes meus bastante desconfiados em relação àquele novo

produto que estou lançando (e cuja campanha publicitária custou-me o equivalente ao orçamento de alguns municípios brasileiros reunidos) e ainda por cima perdi a oportunidade de ter aquele profissional excepcionalmente talentoso trabalhando para mim. Profissional este que, diga-se de passagem, curiosamente não resolveu trabalhar o desapego meditando no alto de uma montanha no Nepal, mas sucumbiu à ambição mundana, preferindo exercer todo o seu talento trabalhando para meu principal concorrente. Mas, felizmente, nada disso tem importância! Aliás, nada disso sequer existe, uma vez que não aparece no balanço patrimonial da minha empresa! "Apuramos lucro no último período e ainda por cima aumentamos nossa participação no mercado, o que prova que esses 'acadêmicos' não entendem nada".

O BALANÇO SE TRATA DE UMA DEMONSTRAÇÃO FINANCEIRA EM RELAÇÃO ÀQUILO QUE SE PERDEU OU SE GANHOU, MAS NUNCA ACERCA DO QUE SE DEIXOU DE GANHAR

O pensamento expresso acima, e que representa a mentalidade de boa parte dos empresários brasileiros, revela a imaturidade dessas empresas, cujo comportamento se assemelha ao do bebê que acredita termos desaparecido quando cobrimos nosso rosto para diverti-lo. Piaget descreveu essa fase do desenvolvimento humano (que vai dos 2 aos 7 anos de idade) como um período em que "a percepção imediata é encarada como verdade absoluta, sem que haja a percepção de outros pontos de vista. Também não há percepção em relação

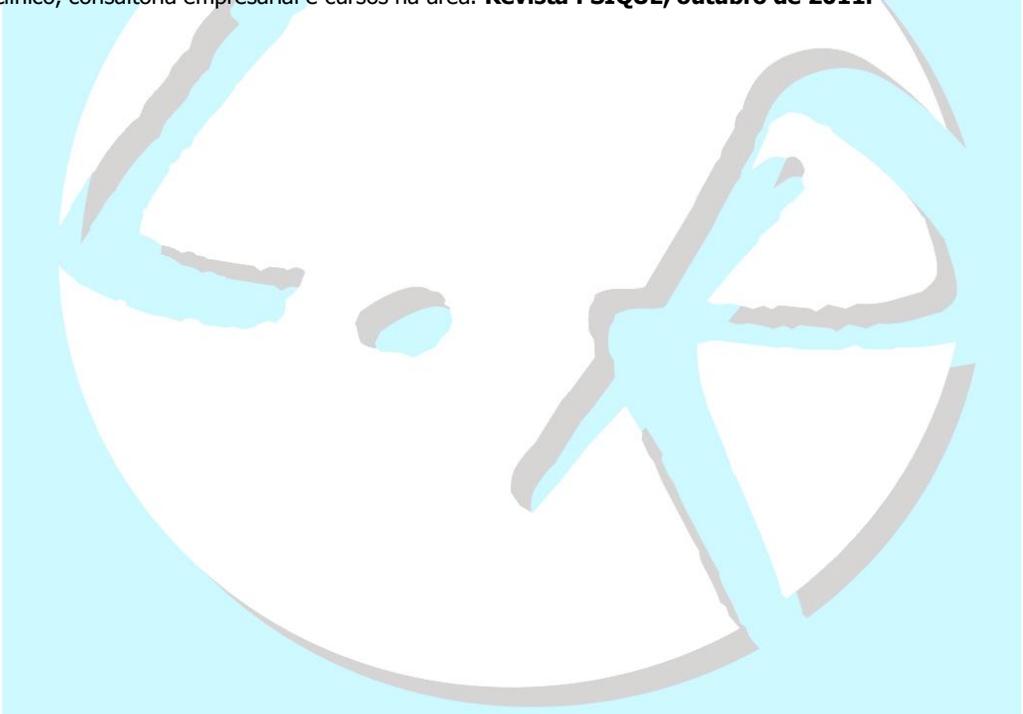
às diferenças entre mudanças reais e aparentes, de forma que nessa fase a criança responde com base na aparência, acreditando ser ela o real”.

Sendo assim, reféns do que em Psicologia do desenvolvimento é chamado de período pré-operatório, as empresas preferem acreditar em seus balanços como a única medida confiável da realidade organizacional, esquecendo-se, por exemplo, que o balanço se trata de uma demonstração financeira em relação àquilo que se perdeu ou se ganhou, mas nunca acerca do que se deixou de ganhar.

Como estaria aquela empresa caso tivesse um ambiente em que valores como colaboração, confiança e excelência fossem efetivamente praticados, gerando uma cultura capaz de atrair (e reter) os melhores talentos do mercado?

E se nessa empresa as pessoas trabalhassem nas suas zonas de excelência, aplicando aquilo que de melhor têm a oferecer ao mundo, para o crescimento do negócio? São coisas desse tipo que a Psicologia Positiva tem a oferecer para o mundo organizacional. E no mês que vem, falaremos sobre que tipo de ações podem ser conduzidas para que as organizações possam, elas também, atingir o seu melhor.

LÍLIAN GRAZIANO é psicóloga e doutora em Psicologia pela USP, com curso de extensão em Virtudes e Forças Pessoais pelo VIA Institute on Character, EUA. É professora universitária e diretora do Instituto de Psicologia Positiva e Comportamento, onde oferece atendimento clínico, consultoria empresarial e cursos na área. **Revista PSIQUE, outubro de 2011.**



Lucas Rocha